

Entrevista com Ricardo Lísias: “a literatura é um fato que existe por si mesmo: é um estar-aí no mundo, como qualquer outro” *

*Interview with Ricardo Lísias:
“Literature is a fact that exists by
itself: it is a being-in-the-world, like
any other”*

Jéssica de Souza Barbosa **

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

Talyta Teixeira Thomé ***

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

* O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

** Mestranda em Escrita Criativa no Programa de Pós-Graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, bolsista CNPq. E-mail: jessica.barbosa@edu.pucrs.br

*** Mestranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. E-mail: talyta.thome@edu.pucrs.br

Ricardo Lísias é escritor, autor de romances como *O céu dos suicidas* (2012), *Divórcio* (2013), entre outros. É doutor em Literatura Brasileira pela USP, com estágio de pós-doutorado na Unifesp. Sua obra mais recente, *Diário da Catástrofe Brasileira: Ano I O inimaginável* foi eleito (2020), faz uma análise dos principais fatos políticos ocorridos desde as eleições presidenciais em 2018 até o final de 2019.

Como e por que você se tornou um escritor? De onde e quando surgiu essa vontade de escrever?

Desde sempre, gosto de inventar. Quando era adolescente, inventava instrumentos musicais originais e outros objetos. Aos poucos, além disso, fui percebendo que a literatura carrega em seu interior outros de meus interesses, como por exemplo gramáticas e idiomas. Do mesmo jeito notei que ela poderia ser eficaz no meu desejo de intervir no mundo contemporâneo. Então, a invenção literária acabou me interessando e sua prática preenchendo diversos interesses. Ainda, a possibilidade de diálogo com outras linguagens artísticas sempre me atraiu. Acho que essas são as principais razões que me levam à prática literária. Por fim, deixo claro que a invenção artística e/ou discursiva é a minha principal atividade hoje, tratando-se, portanto, de algo bem diferente de uma “prática”: é a forma que tenho de estar no mundo.

Poderia descrever como está a sua rotina nesse momento de pandemia? O que mudou?

Agora em outubro, com o confinamento se tornando uma ação extrema por causa da sabotagem do governo federal às medidas de contenção, estou cuidando da minha mãe, que está no grupo de risco por causa da idade e não sai de casa sozinha, enquanto administro e divido os cuidados da casa e do meu filho, que está fazendo e detestando a Educação à Distância. De resto, continuo desenvolvendo meus projetos, que são divididos entre a redação do ano II do *Diário da catástrofe brasileira* e uma tentativa de criação que prefiro ainda não adiantar, já que não sei o destino que terá.

O confinamento teve diversas fases para mim: no início acreditei que teríamos uma união em torno dos interesses comuns e sobretudo da sobrevivência da população. Então ofereci cursos em redes sociais e tentei formar outras redes de apoio. Um pouco depois vi que a atitude seria exceção e que na verdade o descaso com a vida era o dominante no comportamento de grande parcela da população, sobretudo com a vida mais vulnerável. Foi ingenuidade da minha parte e tenho medo de, somando uma depois da outra, acabar me tornando menos esperançoso nas nossas possibilidades de reação civilizada e saudável.

A partir disso, de que modo a cultura tem contribuído em sua rotina e de quem está ao seu redor? E, também, qual o papel da arte em um mundo em crise evidenciado pela pandemia?

No meu caso, tenho um cotidiano ligado à produção de textos. Então, precisei me adaptar para continuar o trabalho. De resto, acho preciso um pouco de cautela para analisar a situação contemporânea: a pandemia ainda está em curso, com consequências imprevisíveis. Conforme respondi acima, achei no início que poderíamos criar redes de contato e apoio, mas a situação se tornou dramática e ao mesmo tempo naturalizada.

Não sei se devemos esperar algum tipo de conforto vindo da arte. Talvez uma ação artística importante hoje seja intensificar a situação ingovernável, causando ainda mais tensão. Pode-se pensar ainda em uma questão formal: o fortalecimento das *lives*, que

talvez gerem um gênero artístico cheio de novidades e com potencial criativo. Espero que de fato muitos artistas continuem se aprofundando nessa forma e quem sabe produzam objetos novos e eficazes.

Como a pandemia afetou a sua produção crítica e/ou ficcional?

No caso, não acho possível, ao menos para mim, separar a pandemia do tratamento que o governo brasileiro deu à pandemia. Aqui estou convencido de que temos passado por um genocídio. Dessa forma, não achei nenhuma justificativa razoável para que eu continuasse meu trabalho normalmente. Aliás, foi o oposto: para mim se continuasse as pesquisas para um novo romance, que estavam me agradando muito, eu me tornaria cúmplice da naturalização em curso do genocídio.

Não posso parar com a produção criativa, mas posso direcioná-la para lugares incômodos e indesejados inclusive para mim. Passei a criar algo que jamais me pareceu possível acontecer (e genocídios jamais deveriam acontecer). Estou agora terminando esse trabalho e estudando como fazer para circulá-lo.

De resto, continuei escrevendo os *Diários*, que em 2020 do mesmo jeito estão inteiramente voltados para o genocídio.

Em relação ao livro *Diário da Catástrofe Brasileira*, como foi fazer um diário de um tema tão atual e complexo que nos deixa tão perplexos? Em algum momento chegou a prejudicar sua saúde emocional?

Nunca é muito bom, em vários sentidos, produzir algo que não deveria ser produzido. Não podia haver um diário da catástrofe pois não deveríamos passar por uma catástrofe. Assim, as consequências são enormes. Não se pode dizer que uma pesquisa como essa (indo às fontes nazifascistas) seja algo simples. Ao contrário, está sendo penosa e violenta. Por isso é preciso traçar estratégias: assim, além do autocuidado, prestando atenção para contornar qualquer exagero, eu também sempre tive claro para mim que deveria manter muitos tons de humor no texto e ao mesmo tempo continuar com algo que sempre me faz ficar na linha: ler o que eu gosto. Mesmo assim precisei de esforço para controlar o consumo de álcool, por exemplo, e tive uma doença bastante grave, felizmente debelada com duas cirurgias. Para esse segundo ano, tenho mantido a mesma fórmula e tem dado certo, talvez com ainda mais stress, já que a situação piorou muito.

No livro *Diário da Catástrofe Brasileira* você aponta diversas vezes para uma espécie de linguagem e estética vigente nos discursos fascistas e também para a impossibilidade de diálogo que vigora entre diferentes bolhas políticas. Você acredita que podemos construir uma outra linguagem capaz de romper esses muros e abrir possibilidades de diálogo? Como isso aconteceria e seria isso uma realidade próxima?

Acho que precisamos ir por partes, inclusive considerando um fato posterior à escrita desse volume I, o genocídio através da pandemia. Tenho sérias dúvidas, portanto, de que o diálogo seja o melhor caminho para um retorno a um mínimo grau de civilização. Como é possível por exemplo dialogar com membros do Movimento Brasil Livre, que tanto mal fizeram à categoria dos professores, sem que haja antes um arrependimento profundo por parte deles próprios, de suas atitudes? Dialogar com essa gente agora, sem que tenha havido essa reconsideração, é basicamente aceitar o comportamento predatório. Por isso acho preciso certa cautela e sobretudo a observação de que talvez não devamos pular etapas, coisas que sempre fizemos: a anistia aos crimes da ditadura foi concedida antes do fim da ditadura!

Sem dúvida acho que é preciso desfascistizar o maior número possível de pessoas (ou eleitores, talvez seja melhor assim), mas talvez a sedução seja um procedimento melhor. Como fazer eu não sei. Acho importante que erros recorrentes sejam por fim evitados.

Ainda em relação ao livro da pergunta anterior, como surgiu a ideia de escrever sobre esse assunto e em forma de diário? Por que não escrever alguma outra ficção?

A forma do diário era necessária por causa da maneira de agir do governo nazifascista: não há nenhum tipo de direcionamento e tudo é feito de forma mascarada e por camadas. O governo faz questão de voltar atrás no que disse ontem e se desdizer de novo depois de amanhã. Por isso eu precisava de uma forma que facilitasse a transformação e o comentário posterior. No caso, adotei o diário seriado, embora sem respeito à cronologia. Foi por razões de segurança analítica.

De que maneira o real e o ficcional se entrecruzam em sua obra? Quais as suas motivações para escrever autoficção e quais são as consequências dessa escolha para sua carreira e vida pessoal?

Acho a teoria da autoficção, sobretudo em sua matriz francesa, muito frágil, embora os livros que ela abarque me pareçam brilhantes. A primeira parte da pergunta é importante: não acho que haja nenhum tipo de cruzamento entre real e ficcional nem em meus livros e nem em nenhum outro. A literatura é uma prática humana, ela resulta em objetos que estão no nosso mundo, colocados na realidade portanto. A literatura faz parte da realidade, não a cruza e sim está contida nela. A literatura não é abstrata, não existe como representação de nada e não é uma imagem de qualquer coisa em quaisquer instâncias. A literatura é um fato que existe por si mesmo: é um estar-aí no mundo, como qualquer outro. Ela, portanto, age sobre a realidade, intervém nela.

Diante disso, meu trabalho tem consequências. Uma bastante curiosa que posso listar é a exposição do leitor, que se irrita com isso. Muitos leitores ficam bastante indignados com os sentidos que eles próprios dão aos meus trabalhos e me culpam por isso. Em resumo: culpam-me por quem são, como se eu tivesse qualquer responsabilidade nisso, eu que no máximo criei o objeto que os expôs. O leitor é um tipo que muitas vezes incorre na irresponsabilidade. Não quer se responsabilizar pelos sentidos com que se colocam no mundo e culpam quem estiver pela frente.

No seu livro *Divórcio*, a sua escrita e descrição das passagens e sentimentos são muito vívidos e fazem o leitor estar ali presente, sentindo e andando, com o narrador. Essa foi uma preocupação desde o surgimento da ideia do livro ou foi uma consequência da história relatada com o desenvolver dos fatos?

Acho que as duas coisas. O livro foi escrito para atrair o leitor para muito perto da narrativa. Alguns entram a tal ponto que se enxergam dentro de uma história de ficção: falam que conhecem as personagens, que tudo de fato aconteceu, que o livro “é tudo verdade” e por aí vai. Já aconteceu tanta coisa com esse livro que sequer consigo me lembrar direito das reações. É um livro um pouco distante de mim, embora seja claro que ele ainda gere muitos sentidos para quem lê.

Quais são seus projetos futuros? Está escrevendo um novo livro? Poderia nos contar um pouco sobre?

Como todo mundo, tive um ano inusitado. Como me recuso a naturalizar a situação que estamos apresentando, também paralisei meu trabalho natural e comecei algo muito diferente e que não me gerou nenhum prazer. Ainda não posso fazer maiores revelações, pois não tenho toda a segurança da conclusão.

Entrevista realizada em 27 de outubro de 2020.